



## **Dispositivos de visibilidade e visualizações médica<sup>1</sup>**

Augusto Flamaryon Cecchin BOZZ<sup>2</sup>

Deyvisson Pereira da COSTA<sup>3</sup>

Universidade Federal de Mato Grosso, Barra do Garças, MT

### **RESUMO**

As relações que os sujeitos estabelecem consigo mesmo, na contemporaneidade, estão cada vez mais consolidadas pela imagem. Imagens produzidas por aparelhos técnicos e distribuídas nas mídias. Desta forma, o objetivo deste artigo é analisar como essas imagens atuam no cenário biopolítico atual. A hipótese de trabalho é que essas imagens constituem, assim como os aparatos de sua produção e sua consolidação, um dispositivo de visibilidade. Este dispositivo permite ao indivíduo uma gestão preventiva do corpo e dos riscos, tornando cada um o médico de si mesmo.

**PALAVRAS-CHAVE:** Biopoder; Corpo; Dispositivo de visibilidade; Mídia.

### **INTRODUÇÃO**

Estabelecer uma relação numérica ou gráfica entre nós e o nosso próprio corpo ou entre nós e o corpo do outro se tornou estratégia habitual entre diversos meios de comunicação. São medidas de peso, cálculos de gordura, subtração de idade e sexo, divisão entre trabalho e lazer, adição de propensão e risco variáveis entre lugares. Entretanto, a nossa experiência também se inscreve na relação de imagem: registrar, comparar e planejar o que éramos e o que estamos nos tornando; manejar, manipular e sobrepor ações sobre órgãos, membros e cavidades. Por exemplo, o site [fotosantesedepois.com/corpo-e-saude](http://fotosantesedepois.com/corpo-e-saude) é singular na junção entre cirurgia plástica e mídia: imagens do que éramos, imagens cirúrgicas, depoimentos de satisfação e auto-estima compõem uma rede de objetos imagéticos.

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no IJ 6 – Interfaces comunicacionais do XIV Congresso de Ciências da Comunicação na Região Centro-Oeste realizado de 7 a 9 de junho de 2012.

<sup>2</sup> Bolsista Pibic/Cnpq. Graduando da Universidade Federal de Mato Grosso, Campus do Araguaia, email: [augusto\\_bozz@hotmail.com](mailto:augusto_bozz@hotmail.com).

<sup>3</sup> Orientador do trabalho. Professor do Curso de Jornalismo da Universidade Federal de Mato Grosso, Campus do Araguaia, email: [deyvissonpereiracosta@hotmail.com](mailto:deyvissonpereiracosta@hotmail.com)



Essas imagens produzidas a partir de informações e dados jogam com uma duplicidade: é, ao mesmo tempo, ponto articulador entre eu e o meu próprio corpo e ponto de amplificação dos invisíveis fenômenos corporais. Em outros termos, são dispositivos de *mediação*<sup>4</sup> que possibilitam a *visibilidade*, que nos ligam e lançam luz aos fenômenos existentes sub-repticiamente ou distantes do observador central (LATOURE, 2004). Cabe-nos, então, o uso do conceito existente em diversos trabalhos: Dispositivo de visibilidade, que são máquinas de ver que produzem subjetividade (BRUNO, 2004). Ver e subjetivar, pois os dispositivos de visibilidade possibilitam aplicar “os procedimentos de observação e correção que lhes são aplicados do exterior (BRUNO, 2004, p. 114).

Neste sentido, nos interessa saber como dispositivos de mediação, pulverizados nas mídias, atuam neste cenário caracterizado por um dispositivo de visibilidade. De antemão, compreendemos que esses dispositivos de visibilidade possibilitam olhar para si mesmo, possibilitam uma objetivação do próprio corpo, uma inversão nas relações de forças. Aquilo que estava escondido aos nossos olhos – e a consequente impossibilidade de uma ação sobre a parte não-visível a olho nu – passa a tornar-se visível a partir desses dispositivos e, conseqüentemente, torna-se passível de uma objetivação, de uma ação, uma medida de ajuste, um ponto de articulação de formação de saberes, de discursos.

Essas medidas, ações e formações de saberes constituem o campo biopolítico contemporâneo, no qual assistimos uma crescente responsabilidade do sujeito com seu próprio corpo e com sua própria vida. Através de técnicas de amplificação e de cura, a tecnociência aliada à teleinformática oferece procedimentos de prevenção para cuidar e prolongar a vida ao máximo.

Nesta perspectiva, desenvolveremos o artigo a partir de três tópicos. No primeiro abordaremos as dicotomias entre Sociedade Disciplinar e Sociedade de Controle, subjetividade interiorizada e exteriorizada tendo em vista o aparecimento da imagem na medicina. No segundo tópico, trataremos da genealogia da imagem e as variações da verdade/prova na imagem. Por fim, o terceiro tópico elucidará a gestão do corpo através das imagens que circulam na mídia.

---

<sup>4</sup> Utilizamos a noção de mediação como uma interface que liga os homens à si mesmos, aos fenômenos, ao mundo. “Está presente na palavra mediação o significado da ação de fazer ponte ou fazer comunicarem-se duas partes...” (SODRÉ *apud* COSTA, 2011, p. 03).



## 1. DA DISCIPLINA AO CONTROLE: A POSITIVIDADE DO PODER

Nos fins do século XIX, o alemão W. K. Röntgen invento a máquina de Raio-X. Tal invenção causou certo espanto nas pessoas devido à invasão ao interior do corpo que os raios permitiam. O espanto pode bem ser compreendido se levarmos em consideração a subjetividade daquela época: totalmente interiorizadas mediante técnicas, por exemplo, da escrita de si, do diário íntimo. Invadir o corpo era terrificante. Em uma análise contemporânea sobre o show do eu, Paula Sibilía (2008) mostra o quanto a paixão pela exibição do corpo é atual.

O século XIX era o tempo do *Homo psychologicus* com sua subjetividade interiorizada (SIBILIA, 2008). Tempo também da ascensão da sociedade disciplinar e do poder pastoral que se prolonga no desenrolar da vida: o Biopoder e a biopolítica. Entretanto, não nos incomodamos mais com as incessantes produções de imagem do corpo: ingressamos em uma emergente sociedade com subjetividades exteriorizadas, epidérmicas, onde os limites do corpo são sempre moduláveis.

Gilles Deleuze (1992), trás a luz algumas característica da sociedade no qual estamos permeando pouco a pouco, a saber, a Sociedade de Controle. Fazendo um percurso histórico e analítico, o autor parte das técnicas disciplinares chegando às técnicas de controle elucidando as diferenças. Primeiro, as disciplinas “são *moldes*, distintas moldagens” enquanto as técnicas de controles são constantes “*modulações*, como uma moldagem auto-deformante” (DELEUZE, 1992, p. 221).

Outra característica da sociedade disciplinar é o espaço fechado pelos quais os indivíduos viviam: a família, a escola, a caserna, a fábrica, o hospital, a prisão, etc. Sempre espaços quadriculados e hierarquizados com sujeitos ocupando posições de mediadores, autoridade, saber e zelo: os pais, professores, médicos, psiquiatras, carcereiros. “A condição do exercício deste zelo é a vigilância” (VAZ, 2002).

A representação por excelência da Sociedade Disciplinar é o dispositivo do panóptico: espaços bem desenhados e com uma hierarquia singular entre vigilante e vigiado. Esta arquitetura que encarcerava seja o louco, o doente, o criminoso ou o indisciplinado, consiste em uma torre central com janelas voltadas para todas as celas que eram vazadas e dispostas no círculo periférico.

Se na Sociedade Disciplinar passava-se de um espaço fechado para outro, por exemplo, do colégio para a fábrica em um perpétuo recomeço, a Sociedade de Controle



é modulável, contínuo e perpétuo sem terminar nada – sempre se está estudando ou endividado, por exemplo. Outra dicotomia apontada por Deleuze é que a Sociedade Disciplinar trabalhava com uma linguagem analógica, já a de controle trabalha com uma linguagem numérica, cifrável.

Uma terceira distinção entre ambas as sociedades são as dicotomia entre Homem orgânico e *Homem pós-orgânico*, entre ciência prometéica e ciência fáustica. Na primeira linha, a metáfora do homem orgânico ilustra a ciência prometéica que carrega em si o reconhecimento dos *limites* do que pode ser conhecido e criado. Do outro lado, a metáfora do homem pós-orgânico ilustra a ciência fáustica que carrega em si as *modulações* dos limites, pois ela tem característica “de inspiração eletrônica e digital, capaz de modelar de formas inusitadas as matérias vivas e inertes” (SIBILIA, 2002, p. 49).

Entretanto, utilizemos uma semelhança para compreender melhor as duas formações sociais: a positividade da mecânica do poder. Tomemos como exemplo o poder disciplinar que Paulo Vaz (2002) define:

De início, dá atenção às diferenças visíveis e mensuráveis de comportamento. A seguir, hierarquiza as diferenças segundo a polaridade entre normal e anormal, atribuindo identidades aos normais segundo o pendor que os conecta mais ou menos fortemente aos desvios de comportamentos. Por fim, produz em todos a experiência da culpa pela inquietação contínua com a normalidade de seus atos e desejos (VAZ, 2002, p. 138).

Em outras palavras, o poder – neste exemplo, o disciplinar – extrai um saber e produz uma verdade que sustentará e é sustentada por ele ao passo que assujeita os indivíduos. Três eixos que Foucault destaca em seu livro *História da sexualidade – os usos dos prazeres* () e que ele chama de foco de experiência: eixo do saber, eixo do poder e eixo da subjetividade.

Para compreender esses três eixos e suas articulações, tomemos o exemplo da loucura. Paul Veyne (2011), ao recapitular a arqueologia do saber psiquiátrico descrita por Foucault, mostra que a loucura é cercada de variações. No século XVII, os leprosários foram esvaziados e transformados em casas de internamento com funções de acolhimento do pobre, do louco e do indigente. Surgem novos discursos e novas práticas de internamento. Mas a partir do século XIX, precisamente após a Revolução Francesa, os loucos são dissociados dos mendigos, do criminoso, etc. devido aos “gritos escandalizados e ultrajados de dor humanitária” (DREYFUS & RABINOW, 1995, p.



29). Aparece uma nova consciência de loucura que encerrou o internamento geral pelo internamento específico e científico: é o doente mental da psiquiatria.

Nesta arqueologia, vemos articular-se o saber – extração que acontecia através de exames e da extensão do hospital como laboratório de produção da verdade –, o poder – através dos procedimentos de internamento e intervenção social dos médicos – e a subjetivação – o louco reconhecendo sua loucura e do indivíduo normal preocupando-se continuamente com seus atos em relação à loucura. Nesta história, a dinâmica entre saber e poder não evidencia um sistema geral de exclusão como castração, interdição ou negação do louco. É um processo dinâmico positivo que incita e produz muito mais que castra. Outro exemplo da positividade do poder pode ser elucidado pela História da Sexualidade (2010).

Neste livro, Foucault parte da hipótese repressiva da sexualidade para mostrar que existe um mecanismo maior, no qual a repressão apenas é um dos processos, que produz efetivamente positivities. Através da tecnologia da confissão, o sexo inscreveu-se no regime do visível e do enunciável: “a ‘colocação do sexo em discurso’, em vez de sofrer um processo de restrição, foi, ao contrário, submetida a um mecanismo de crescente incitação” (FOUCAULT, 2010, p. 19).

É partir do século XVII que aparece claramente um dispositivo que objetivou o sexo com uma *vontade de saber* incessante: o dispositivo de sexualidade. A confissão é uma tecnologia que melhor representa este dispositivo: *Visibilidade e enunciação* do sexo através de um ritual de produção da verdade; *objetivação* do sexo pelo poder por procedimentos de individualização e pela relação de poder entre instância de inquisição e indivíduo que confessa; por fim, *subjetivação* do indivíduo através das verdades produzidas, seja purificando-o, salvando-o, seja condenando-o. Foucault define assim o ritual da confissão:

Ora, a confissão é um ritual de discurso onde o sujeito que fala coincide com o sujeito do enunciado; é, também, um ritual que se desenrola numa relação de poder, pois não confessa sem a presença ao menos virtual de um parceiro, que não é simplesmente o interlocutor, mas a instância que requer a confissão, impõe-na, avalia-a e intervém para julgar, punir (...); enfim, um ritual onde a enunciação em si, independente de suas conseqüências externas, produz em quem a articulou modificações intrínsecas... (FOUCAULT, 2010, p. 70-71)

Mas o dispositivo de sexualidade não se articulou apenas no ritual da confissão ou nos indivíduos cristão. O sexo é um ponto duplo no qual o dispositivo pôde se articular ao nível mais geral: é, ao mesmo tempo, sexo presente no corpo do indivíduo e sexo presente no corpo social. A confissão do sexo, seja na pastoral cristã, associado ao



pecado da carne, seja na ciência na forma do exame, associada às formas biológicas, físico-químicas e patológicas, pode ser considerado um modelo de visualização e amplificação. Pois através de uma rede de mediações, como a palavra, o padre, o médico, os sintomas, é possível ampliar de tal maneira, por exemplo, as diversas patologias do sexo ao nível do visível e do olhar.

Desta forma, este dispositivo produziu um saber meticuloso e intervenções no campo da demografia, da natalidade, das habitações, reprodução, etc. Não para exclusivamente proibi-lo, caçá-lo, negá-lo em todos os espaços e níveis, mas, ao contrário, produzir uma economia do sexo ao nível da vida. Singularidade do poder disciplinar com relação às outras sociedades anteriores, por exemplo, a soberania: é que o poder gere a vida mais que a barra, interrompe ou elimina. Forma de poder e economia política da vida que Foucault chamou, respectivamente, de biopoder e biopolítica.

Este biopoder e biopolítica<sup>5</sup>, em consonância com os dispositivos disciplinares, intervieram na população ajustando e regulando os comportamentos e hábitos nos mínimos detalhes. Um bom exemplo é as políticas de saúde do século XVIII: “a cidade patogênica deu lugar (...) a toda uma mitologia e a pânico bem reais; (...) ela exigiu, em todo caso, um discurso médico sobre a morbidade urbana e uma vigilância médica de todo um conjunto de disposições, de construções e instituições” (FOUCAULT, 1981, p. 201). O poder pastoral arrebanhando os sujeitos no prolongar da vida articulava-se duplamente, como já mencionado, indo do *corpo*-indivíduo ao *corpo*-social e vice-versa. É uma forma de poder que individualiza e totaliza ao mesmo tempo.

As tecnologias de produção de imagem do corpo se inscrevem na história destas duas formações sociais: a Sociedade Disciplinar prometética e a Sociedade de Controle Fáustica.

## 2. GENEALOGIA DA PRODUÇÃO DE IMAGEM

Desta perspectiva, podemos prolongar a noção de poder sobre a vida e é dando seguimento a esse biopoder que Paul Rabinow caracteriza sua forma atual:

Um ou mais discurso de verdade sobre o caráter “vital” dos seres humanos, e um conjunto de autoridades consideradas competentes para falar aquela verdade

---

<sup>5</sup> No biopoder o corpo torna-se matéria principal, pois o que é o corpo senão esta matéria no qual nos relacionamos conosco, com o outro e com o mundo?



(...). Estratégia de intervenção sobre a existência coletiva em nome da vida e da morte, inicialmente endereçadas a populações (...). Modos de subjetivação, através dos quais os indivíduos são levados a atuar sobre si próprios, sob certas formas de autoridade, em relação a discursos de verdade, por meio de práticas do self, em nome de sua própria vida ou saúde... (RABINOW, 2006, p. 29)

Voltemos na história um pouco para clarificar a produção da verdade através de imagens. A anatomia talvez seja um dos primeiros métodos de desbravar o corpo interior e, ao mesmo tempo, método de produzir conhecimento. É um “modelo de saber: anatomizar significa descrever” (MOURIN, 2008, p. 62). Nos fins do século XIX, Charcot e o fotógrafo Arbert Londe, no hospital Salpêtrière, tentou documentar as crises histéricas através de uma série de fotografias e elaborou estudos *visuais* que reconstituíam os movimentos corporais dos histéricos (CHAZAN, 2003).

Ouro exemplo é o surgimento do Raio-X, mesmo com os medos corrente, na época, desta terrível “máquina” fantasmagórica de desnudar os corpo (CHAZAN, 2003). Em 1896, o jornal inglês *The Pall Mall Gazette* lançou uma nota repudiando esta máquina do alemão W. K. Röntgen:

Estamos enojados com os raios Röntgen [sic]. Diz-se agora, esperamos que, inveridicamente, que o sr. Edison descobriu uma substância – seu nome repulsivo é tungstato de cálcio – que potencializa (o que quer que isto queira dizer) os ditos raios. A consequência disto parece ser que se podem ver os ossos das outras pessoas a olho nu, e também ver através de oito polegadas de madeira sólida. Não há necessidade de nos estendermos sobre a revoltante indecência disto. Mas estamos chamando seriamente a atenção do governo para o fato que, no momento em que o tungstato de cálcio se tornar de uso geral, haverá necessidade de legislação restritiva do tipo mais severo possível. Olhar através da porta de uma pessoa é um crime tão sério quanto falsificar seu nome, e fazê-lo sem autorização deveria realmente ser punido com uma longa estadia de trabalhos forçados na prisão. Da mesma maneira, olhar os ossos de outra pessoa sem permissão deveria ser encarado como uma forma grave de atentado ao pudor. Mas mesmo a legislação mais severa só poderia, no máximo, controlar as práticas mais revoltantes. Talvez a melhor coisa seria todas as nações civilizadas fazerem um pacto: queimar todos os trabalhos sobre os raios Röntgen, executar todos os descobridores, juntar (isolar) todo o tungstato do mundo, e afundá-lo no meio do Atlântico. Deixem os cetáceos, e não nós, contemplem os ossos uns dos outros (*Apud* CHAZAN, 2003).

Porem, o Raio-X logo foi acolhido e utilizado em diversos procedimentos médicos e sanitaristas (ORTEGA, 2006). Charcot e Röntgen talvez sejam personagens de uma mesma história onde a verdade/prova não está mais inscrita num pitoresco ritual de dissecação, mas na imagem.



Para compreendermos o processo de produção da verdade inscrita na imagem, recorramos a outros dois personagens que a história cuidou de preservar. Em *História da sexualidade*, Foucault (2010) relata o caso, de 1867, de um trabalhador agrícola da aldeia de Lapcourt que recebeu algumas carícias de uma menina. Este trabalhador foi delatado pelos pais da menina ao prefeito da aldeia, do prefeito foi denunciado à polícia, apresentado ao juiz e deste foi submetido a exames médicos e perícias. Os médicos mensuraram seu crânio, estudaram a ossatura facial, inspecionaram sua anatomia, buscaram sinais de degenerescência, fizeram-no falar, interrogaram seus pensamentos, seus desejos, hábitos, gostos, etc. Fizeram dele “um puro objeto de medicina e saber” (FOUCAULT, 2010, p. 38).

Em 1982, pouco mais de cem anos após o caso citado acima, no julgamento de John Hinckley – que havia atirado no presidente dos Estados Unidos, Ronald Reagan, e mais cinco pessoas – o psiquiatra David Bear usou e abusou de imagens de Tomografia Computadorizada (TC) para demonstrar a presença de uma esquizofrenia: “existem evidências esmagadoras de que a fisiologia do cérebro esteja relacionada com as emoções de um indivíduo e de que a aparência anormal do cérebro esteja relacionada com a esquizofrenia” (KEVLES *apud* ORTEGA, 2006, p. 100). Se na Sociedade Disciplinar, onde imperava o dispositivo de sexualidade, tudo deveria passar pela fala, na Sociedade de Controle, onde imperam diversos dispositivos, entre eles o de Visibilidade, tudo deva passar pela imagem.

O interessante deste julgamento de John Hinckley é que o psiquiatra pôde clarificar uma esquizofrenia sem, necessariamente, abrir a cabeça do réu e mostrá-la ao juiz. Foi preciso apenas as imagens da TC. Isso é admissível se compreendermos as redes de transformações – amplificação de um fenômeno não visível, redução do cérebro e suas ricas funções em imagens, tradução semiológica da inscrição, localização da doença – que nos levam da representação da esquizofrenia ao representado sem, no entanto, se prender a nenhum deles. “Os fenômenos circulam através do conjunto, e é unicamente a sua circulação que permite verificá-los, assegurá-los, validá-los” (LATOURET, 2004, p. 56).

Desta forma, através da imagem de Tomografia Computadorizada podemos, por exemplo, irmos até aos exames ou a máquina de tomografia, ao hospital ou laboratório, ao corpo médico ou analista clínico, à prática de internamento ou à bateria de inspeção clínica. Percorrer as redes de transformação é possível porque: PR um lado, isso a imagem é um nó, dentre vários, entre o fenômeno e o observador, carregando





informação<sup>6</sup> sobre o fenômeno de modo visível; por outro lado, é esta produção de informação que permite “resolver de modo prático, por operações de seleção, extração, redução, a contradição entre presença e a ausência num lugar” (LATOUR, 2004, p. 42). Dominar com o olhar percorrendo toda a rede que se conecta na imagem e que garante a ela sua validade.

Superando esta contradição entre presença e ausência, a imagem possibilita uma ação sobre a *ação* do fenômeno. Se um indivíduo que é levado ao hospital por ataque cardíaco, através de uma bateria de exames que produzem imagens e dados, é possível, através de sua coerência ótica, *visualizar* a doença cardíaca e, deste modo, estabelecer uma série cirurgias, regimes, intervenções. Radicalizando esta proposta de intervenção cirúrgica pela imagem, um grupo de pesquisadores localizados nos E.U.A elaboraram um projeto de cirurgia de tumores por abrasão a *laser*. Mas as cirurgias ocorriam no hospital a 258 km da universidade onde um pesquisador situava-se para manusear o equipamento. Os outros pesquisadores acompanhavam em tempo real pela internet. Por meio de representações visuais em duas, três e quatro dimensões os pesquisadores recolhiam as informações através de supercomputadores. O pesquisador Marko Monteiro que acompanhou o trabalho desse grupo, assim define a pretensão do projeto:

O principal objetivo do projeto (...) é produzir um modelo computacional que consiga prever com grande exatidão a transferência de calor em tecidos da próstata, a fim de auxiliar um futuro tratamento para tumores, com base na abrasão a *laser*. O produto final pretendido é uma ferramenta que, a partir de imagens de ressonância magnética pré-operatórias, consiga oferecer ao médico uma previsão detalhada dos possíveis resultados da intervenção com *laser* no paciente. Tal modelo auxiliaria a tomada de decisão do médico quanto à localização da fibra óptica que conduz o *laser*, à potência da luz utilizada e ao tempo de exposição. Seria, de fato, uma automação dessas etapas da cirurgia, transferindo-se para um modelo computacional parte das decisões hoje baseadas no treinamento e na experiência do médico. (MONTEIRO, 2011, p. 644).

É nesta perspectiva que podemos compreender as tecnologias de visualização e suas articulações com o biopoder. Na sociedade contemporânea onde há diversas *modulações* dos limites, a previsão – como no experimento acima – torna-se princípio e categoria central na biopolítica: prever riscos<sup>7</sup>, doenças, perigos, loucos, criminosos, etc.

---

<sup>6</sup> Utilizamos a noção de informação do Burno Latour. “A informação não é um signo, e sim uma *relação* estabelecida entre dois lugares, o primeiro, que se torna uma periferia, e o segundo, que se torna um *centro*, sob condição que circule (...) uma inscrição” (LATOUR, 2004, p. 40).

<sup>7</sup> Utilizamos a noção de risco no sentido de “algo – um hábito e/ou uma predisposição genética – que aumenta a probabilidade de contrair uma dada doença” (VAZ, 2002, p. 137).



Se o poder sobre a vida tenta, a todo custo e de todas as formas, prolongar a vida, potencializá-la, majorar seu caráter vital, associando-se a previsão, o biopoder será um poder de constante antecipação. E deverá cada vez com mais insistência, pois há sempre uma desordem secreta.

Toda a arte da medicina, em particular da medicina preventiva, consiste em perturbar essa calma e em denunciar, em cada um de nós, uma desordem secreta. Invento os exames periódicos, os *check-up* em intervalos regulares, cujo ritmo se acelera em casos de antecedentes familiares (MOULIN, 2008, p. 20)

O contemporâneo é uma infundável vigilância – não mais para punir e adestrar os corpos como na sociedade disciplinar; mas para melhor governá-lo, geri-lo e conduzi-lo. Os dispositivos de visibilidade e as tecnologias de mediação inscrevem aqui sua importância, pois possibilitam uma vigilância concreta do corpo, intervir e dominá-lo, percorrer da imagem ao fenômeno para ali encerrá-lo, permite, enfim, inverter a economia de risco.

### 3. GESTÃO DO CORPO: BIOPODER E MÍDIA

É certo que “os indivíduos extraem a maior parte das informações sobre hábitos prejudiciais à saúde nos meios de comunicação” (VAZ, 2002, p.122). Certo também que eles encontram na mídia gráficos e tabelas sobre os riscos da má alimentação, do sedentarismo, do stress. Em todo caso, já existem diversos trabalhos que evidenciaram a mídia como um importante *centro de distribuição* de informações, talvez tanto quanto o livro, a biblioteca, as coleções, etc. Fernanda Bruno (2006) nos oferece um exemplo da materialidade midiática desse fenômeno esclarecedor acerca da discursivização do biopoder nos meios de comunicação.

Domingo, o jornal. É um homem quem lê. Primeiro os esportes, a seguir política, economia, rápida olhada nos classificados, e eis que em uma seção que não costuma se deter – o enfadonho e já extinto caderno Jornal da Família – encontra uma espécie de ‘jogo-teste’ que o convida a calcular sua expectativa de vida. Uma mistura de ceticismo e curiosidade molda o seu humor. Não resiste e faz o teste. O primeiro tópico é desanimador: ‘Se você é homem, subtraia 3 pontos’. E assim segue... O exemplo é risível; contudo, contém alguns dos principais aspectos da forma como hoje figura, nos meios de comunicação, a relação dos indivíduos com a saúde e a doença, com seus hábitos e comportamentos, com o tempo de suas vidas (2006, p. 64).

Seja a imagem ou o gráfico distribuído na rede do ciberespaço, da frequência e do impresso, os indivíduos podem explorar, mergulhar, imergir nos fenômenos do corpo



e geri-los. Isso porque as imagens produzidas e distribuídas nas mídias se valem de saberes institucionalmente reconhecidos uma vez que o biopoder exige um discurso de verdade sobre a condição de vivente do ser humano. De outra forma, é preciso, como mostra Rabinow, um discurso de verdade sobre o caráter vital dos seres humanos, uma intervenção sobre a existência e modos de subjetivação no qual os indivíduos, em relação com a verdade, olham para si mesmos (2006). E tal discurso sobre a vida é reconhecido ou aceito como verdadeiros através das redes de transformações, ou melhor, das diversas conexões entre instituições, campo de conhecimento, sujeitos autorizados para falar e centros de distribuição.

Os mesmos processos de validação e intervenção ocorrem nas informações que circulam na mídia a respeito do corpo. O indivíduo consegue, através de dispositivos de visibilidade e tecnologias de mediação, agir sobre o seu próprio corpo, sobre o corpo do outro e sobre o mundo. Em outros termos, se o saber é da ordem do ver, falar e daquilo que concebemos como verdadeiro, então a imagem está inscrita neste eixo. Mas, como já mencionamos, todo saber sustenta e é sustentado pelo poder: saber-poder. O poder é da ordem da intervenção, da ação sobre uma ação possível. A imagem, portanto, torna visível algo que, desta forma, torna-se passível de uma ação.

Todo este conjunto, de ver e agir sobre um fenômeno, está inscrito nas diversas informações sobre o corpo, no caso, as divulgadas na mídia. Após essa explicação, cabe-nos uma última metáfora para clarificarmos melhor a relação entre gestão de si, mídia e biopoder. Cotidianamente devemos gerir nosso patrimônio biológico: prolongamento fino do biopoder contemporâneo. Paula Sibilia (2002) define esta situação:

O sujeito atingido pelas novas modalidades biopolíticas de formatação subjetiva metaboliza o imperativo da saúde: assumindo-se como **gestores de si**, minimiza ou maximiza os riscos provavelmente inscritos em sua predisposição genética, ao combiná-los com um **estilo de vida saudável** ou perigoso (SIBILIA, 2002, p. 200).

Nesta responsabilidade de gerir o corpo, a mídia ocupa papel importante, pois disponibiliza informações para tal cuidado. Como numa rede – que ao percorrer um fio é, devido aos nós, percorrer todos os outros –, traçar o fio da gestão de si é traçar os fios que compõem o risco, a periculosidade, o Controle, as modulações, a genética, a biotecnologia, a nanotecnologia, a saúde, etc.; mas é, também, percorrer os nós que ligam um fio ao outro. Os dispositivos de visibilidade e as tecnologias de mediação é



uma parte da extensa cartografia de um novo no qual está o hospital, o laboratório, a universidade, a mídia, a política, a economia.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

No século XIX, quando a dicotomia entre normal e anormal possuía um limite estático, o corpo era submetido ao escrutínio dos médicos para saber se era louco, doente, criminoso, pervertido. Mas a “história do corpo no século XX é a de uma expropriação e de uma reapropriação que talvez chegue um dia a fazer de cada um o médico de si mesmo” (MOULIN, 2008, p. 15-16). Mas não será necessário cortar o peito para ver o câncer no pulmão, na laringe, no esôfago, nem muito menos será necessário abrir a cabeça para ver uma esquizofrenia. Basta uma imagem, como no caso do psiquiatra David Bear no julgamento de John Hinckley. Tornar-se o médico de si mesmo é tornar-se o vigia e o vigiado, o *centro* e a *periferia* do corpo. Mas o olhar que liga o vigia ao vigiado, a ponte que liga o centro à periferia, é a série do dispositivo de visibilidade e das tecnologias de mediação.

Enfim, os exemplos aqui utilizados são para mostrar o quanto essas tecnologias de imageamento ou os gráficos possibilitam colocar a *vista*, sejam em uma chapa, papel ou número, os fenômenos não-visíveis e o quanto eles possibilitam inverter as relações de força. Quando temos uma dor física, o quanto somos dominados por ela, mas se, ali onde a dor manifesta, conseguirmos torná-la visível a ponto de intervir, o quanto podemos dominá-la! Nada comparado à velha anatomia, ao velho agricultor de Lapcourt, às fotografias em série de Charcot, ao Raio-X de Röntgen e seus pavores.

## REFERÊNCIAS

BRUNO, Fernanda. Maquinas de ver, modos de ser: visibilidade e subjetividade nas novas tecnologias de informação e comunicação. In: **Revista Famecos**, n. 24, Porto Alegre, Jul. 2004, p. 110-124

CHAZAN, Lílian K. O corpo transparente e o panóptico expandido: considerações sobre as tecnologias de imagem nas reconfigurações da Pessoa contemporânea. In: **PHYSIS: Rev. Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, 13(1), 2003, p. 193-214



COSTA, Deyvisson P. Mídia e midiatização do corpo. In: **Congresso de Ciências da Comunicação na Região Centro-Oeste**, 13º, 2011, Cuiabá. Anais do XIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Centro-Oeste, Cuiabá: UFMT, 2011, CD-Rom

DELEUZE, Gilles. Política. In: **Conversações**. 1 ed. Rio de Janeiro: Editora 34, 1992. pp. 209-226.

DREYFUS, Hubert; RABINOW, Paul. **Michel Foucault, uma trajetória filosófica: para além do estruturalismo e da hermenêutica**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.

FOUCAULT, Michel. A política de saúde no século XVIII. In: MACHADO, Roberto (org). **Microfísica do poder**. 12 ed. Rio de Janeiro: Graal, 1981. p. 193-207

\_\_\_\_\_. **História da sexualidade I – a vontade de saber**. Rio de Janeiro: Graal, 2006

LATOUR, Bruno. Redes que a razão desconhece: laboratórios, bibliotecas, coleções. In: Parente, André (org.). **Traumas da rede: novas dimensões filosóficas, estéticas e políticas**. Porto Alegre: Sulina, 2004. p. 39-63

MONTEIRO, Marko. Teatro anatómico digital: práticas de representação do corpo na ciência. **História, Ciências, Saúde – Manguinhos**, Rio de Janeiro, v.18, n.3, jul.-set. 2011, p.641-660.

MOULIN, Anne M. O corpo diante da medicina. In: Corbin, Alain; Courtine, Jean-jacques; Vigarello, Georges (Org). **História do corpo: As mutações do olhar. O século XX**. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2008, p. 15-83

ORTEGA, F.: O corpo transparente: visualização médica e cultura popular no século XX. **História, Ciências, Saúde – Manguinhos**, v. 13 (suplemento), p. 89-107, outubro 2006

RABINOW, Paul; ROSE, Nikolas. O conceito de biopoder hoje. In: **Revista de Ciências Sociais**. n. 24, Abril de 2006, p. 27-57

SIBILIA, Paula. **O Homem pós-orgânico: corpo, subjetividades e tecnologias digitais**. Rio de Janeiro: Relume dumará, 2002.

\_\_\_\_\_. **O show do eu: a intimidade como espetáculo**. São Paulo: Nova Fronteira, 2008.

VAZ, Paulo. Um corpo futuro. In: PACHECO, Anelise; COCCO, Giuseppe; VAZ, Paulo. (Org.). **O trabalho da multidão**. Rio de Janeiro: Gryphus, 2002, v. 1, p. 121-146